

AGORA

Crime. Cazenga e Viana tendem a ser os mais violentos da capital

Jornal Agora

18 De Setembro de 2015

Texto: Jaime Reais e Nelson Sita

Por oferecer resistir para não perder a pasta que tinha dinheiro, os assaltantes esfaquearam mortalmente, no passado domingo, uma jovem de 20 anos que morava no Cazenga. Testemunhas disseram ao Agora que ainda chegou a ser transportada pela Policia ao hospital Josina Machel, mas acabou por sucumbir à entrada da unidade hospitalar, em virtude dos graves ferimentos.



A criminalidade parece aumentar, em Luanda, à medida que 'aperta' a crise financeira no País

DUARTEVILLA

A malograda ainda na flor da idade foi atingida a facada por três marginais no bairro Terra Vermelha (Cazenga) no passado dia 13. Dizem quem esteve no local que a mesma mostrou resistência quando os assaltantes pediram a pasta onde guardava 5.500.00 Kz.

O infortúnio correu quando a vítima estava de regresso a casa, vindo de um amigo.

Edna, mais conhecida como Didi, morreu aos 20 anos de idade. Saiu da sua residência por volta das 18 horas, com o propósito de ir à busca de algum dinheiro em casa de um amigo, mas de

regresso foi interpelada por malfeitores que lhe tiraram a vida.

"Os três delinquentes receberam primeiro telemóvel, mas depois queriam também a pasta, onde estavam os cinco mil e quinhentos Kwanzas. Ela não queria entregar. Logo, a esta resistência um dos marginais cravou-lhe a faca no meio do peito", revelou ao Agora Tilson dos Santos, primo da falecida.

Tilson disse ainda que os meliantes, vendo-a sangrar, puseram-se em fuga. "A prima rastejava pedindo socorro mas quando as pessoas acorreram à sua direcção bem como a Polícia, já era tarde. Perdeu muito sangue".

Os três indiciados no crime já estão a contas com as autoridades. Em virtude e os mesmos terem sido apanhados, os familiares da malograda exigem que sejam assumidas as despesas do óbito e que os órgãos competentes façam justiça.

Nós, familiares da vítima, estamos muito tristes com esta situação. Vamos, em primeiro lugar, fazer que os familiares dos assassinos se responsabilizem pelas despesas do óbito e posteriormente só depois os órgãos competentes deverão fazer justiça, pois a morte da Didi constitui uma perda irreparável por causa do vazio que ela nos deixou", referiu amargurado o primo.

Suzana, vizinha, manifestou-se muito indignada pelo ocorrido, uma vez que a convivência no bairro era salutar e por se tratar da perda de um dos membros de uma família "que fica assim 'amputada' prematuramente de uma das suas valiosas filhas".

Estou triste por este acto criminoso, sabendo que foi alguém que sabia respeitar os próximos. Era carinhosa e atenciosa com todas as pessoas do bairro. Deixa muitas saudades", declarou Suzana, que também aguarda que os criminosos

sejam competentemente julgados e que respondam pelos seus actos macabros.

Suzana continuou dizendo que o que se espera da Polícia é acabar com estas desgraças da perda de vidas humanas injustamente.

Está a morrer muita gente no Cazenga.

Quase todos os dias assistimos a cenas horripilantes de assalto a mão armada. Os criminosos andam à solta. Por isso, esperamos que a Polícia faça o seu trabalho, reforçando o patrulhamento para combater estes criminosos e reduzir as mortes desnecessárias de inocentes que fazem falta às suas famílias e à sociedade", defendeu.

Os restos mortais da jovem Didi foram a enterrar nesta quinta-feira, 17, no cemitério do Catorze.

De salientar, a 'pracinha' da Terra Vermelha é uma zona muito isolada e escura. Esta pode ser uma das razões que estão na origem das facilidades da atuação dos marginais. Aliás, avultam casos de roubo e assassinato naquele local.

Em virtude disso, para além do reforço do policiamento nocturno, os moradores exigem que seja resolvida a questão da iluminação pública.

APODERARAM-SE DE MAIS DE UM MILHÃO DE KWANZAS. Um homem foi baleado, recentemente, no braço por assaltantes, à saída de um dos balcões do Banco Africano de Investimento (BAI), DO município de Viana. No assalto, a vítima perdeu o dinheiro que tinha levantado na ordem de um milhão de Kwanzas.

Tudo indica que os mesmos se encontravam nas imediações do BAI. É que, a escassos metros da agência, os estranhos me interpelaram e pediram para entregar a pasta, onde tinha o dinheiro", revelou o assaltado.

Emanuel Solani fez saber que, ao negar entregar o valor, lhe foi apontado o cano da metralhadora do tipo AKM na cabeça. O 'puxa-puxa' prosseguiu com Emanuel a resistir à entrega do 'kumbú' de bandeja. Foi nesse instante que, impacientes, assaltantes dispararam no braço.

Eu não queria entregar o dinheiro e eles diziam que iriam matar-me. Foi então que um deles ficou muito irritado e acabou por fazer um disparo que atingiu num dos meus braços", contou Emanuel, referindo ainda que, em função da forma como foram proferindo as palavras, num tom agressivo, e estando já ferido, não viu outra maneira, se não mesmo entregar a pasta.

O nosso interlocutor afirmou que o incidente ocorreu numa manhã, sob olhar impávido de várias pessoas.

No momento em que estava a ser assaltado, as pessoas só apreciavam e tudo indicava que temiam que alguma coisa lhes poderia acontecer se interviessem", notou.

Um dos familiares que preferiu anonimato salientou ainda que não é a primeira vez que Emanuel sofre assalto, sendo este o segundo, depois do ocorrido em Março último na sua residência, em Viana, onde lhe foi exigida a entrega de jóias que guardava no cofre.

Se Emanuel ficou sem o dinheiro, sorte teve a jovem Albertina, que não perdeu o dinheiro levantado ao banco. Quando foi perseguida por assaltantes, escondeu-se na guarita de um agente da segurança que protegia um estabelecimento comercial no bairro Kassenda.

Ao sair do banco, quatro jovens pregaram-me um susto. Queriam ficar com o dinheiro, mas isso não se concretizou por me ter escondido na 'casota' de um segurança. Eles fugiram", disse Albertina, preocupada com a onda de perseguições a pessoas nos bancos, lembrando o

caso de uma prima que também foi assaltada e perdeu a pecúnia", lembrou.

Note-se que, em Maio de 2014, o general na reserva Diogo Manuel da Fonseca Mucongo foi morto a tiro quando saía de uma agência do BPC da Vila Alice.

Após ter levantado dinheiro, Mucongo foi perseguido por três jovens que se faziam transportar em motorizadas das chamadas 'rápidas' e dispararam à queima-roupa, tirando a vida ao infeliz antigo combatente.